

junho de 2020

PRAZER
PRAZERES DA LEITURA

escrita de si e autobiografia



Bianca Santana
biancasantana@gmail.com

Por meio de **exercícios práticos** e **aportes teóricos**, a oficina tem o objetivo de permitir uma reflexão crítica sobre a memória e aprimorar o próprio estilo narrativo.

Conteúdos:

- a escrita autobiográfica;
- a escrita de si como tecnologia de si;
- pontos de vista;
- memória individual e coletiva.

Meu ponto de partida

Ministério da Cultura

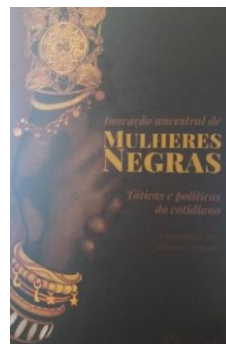
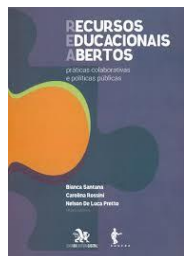


VERACRUZ

articulação política da
UNEafro Brasil



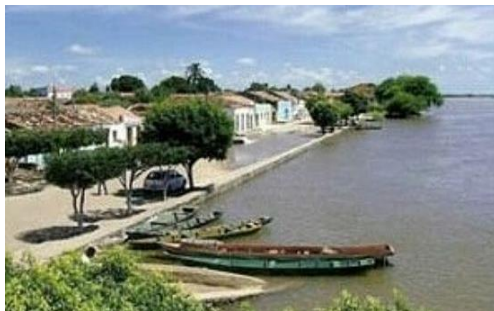
CASADACULTURADIGITAL



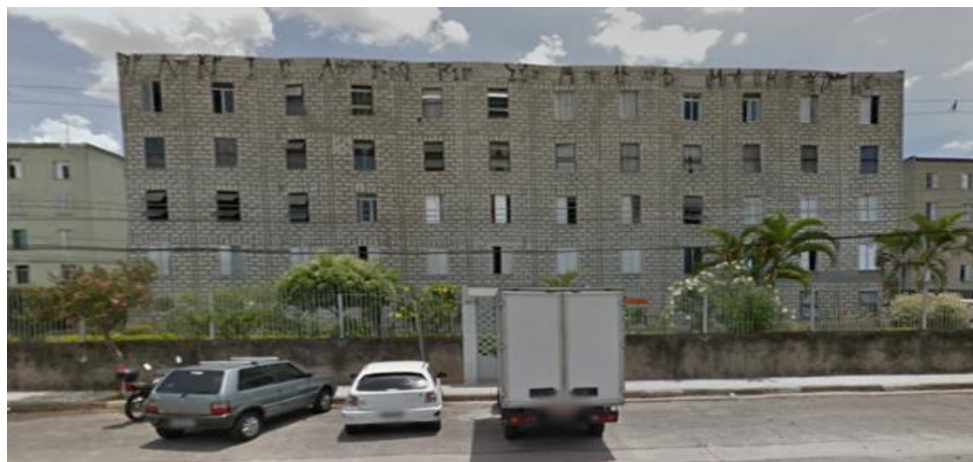
FEUSP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP



Meu ponto de partida



© Eliária Andrade



vamos ao primeiro exercício?

De onde eu
venho

essa escrita é
autobiográfica?

do Grego:

αὐτός-*autos* **eu**

βίος-*bios* **vida**

γράφειν-*graphein* **escrita**

relatos autobiográficos:

- reconstroem o passado;
- avaliam a experiência vivida;
- dão sentido ao presente.

Margareth Rago

“A narração de uma vida, longe de vir representar algo já existente, **impõe sua forma (e seu sentido) à própria vida.**”

Leonor Arfuch, citada por Margareth Rago

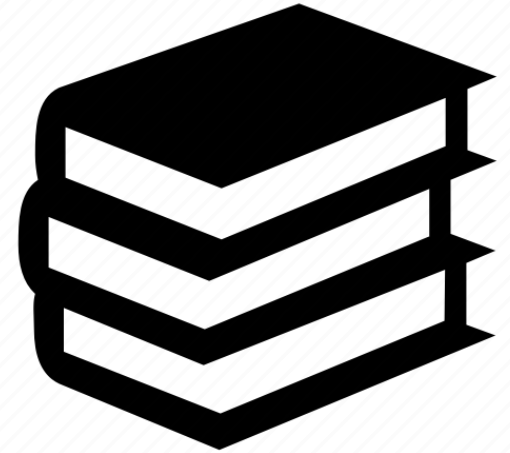
“Escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um **privilégio das classes dominantes.**”

há recortes de
CLASSE. GÊNERO. RAÇA

Phillippe Lejeune, citado por Margareth Rago

“(...) apresento a **autobiografia como um discurso de poder, o poder de moldar sua própria vida**, de deixar para as futuras gerações um autoretrato em forma de texto.”

VILLAR, Marilia Santanna. A autobiografia como discurso de poder, 1971



vamos ao segundo exercício?

Narre uma situação vivida
com outra pessoa, cuja
narrativa poderia gerar
conflito com a pessoa em
questão.

mas....

é tudo verdade?

“Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. **Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta.** O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma

escrevivência.”

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011

autobiografia

“a autobiografia penetra no território literário, mas vigiada pela contenção, que induz o prosador a erguer barreiras no desdobramento das reminiscências: **ficção policiada pela razão, pelas idealizações, pelos valores, pela conjuntura socioeconômica(...)**”

Massaud Moisés

escrita de si

“A ‘escrita de si’ é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu em um contexto relacional (...)”

Margareth Rago

“possibilidades de invenção de novos modos de existência,

construídos a partir de outras relações de si para consigo e para com o outro, capazes de escapar às tecnologias do dispositivo biopolítico de controle individual e coletivo”?

biopoder

poder sobre a vida e a morte gerado pela biopolítica (controle das populações);

signo da morte que acompanha “o outro” no nascer/ adoecer/ morrer

Traçando a genealogia da resistência ao biopoder, Foucault chega às **técnicas de si** da Grécia Antiga, caracterizadas pela busca por uma estética da existência, indissociável do cuidado do outro.

Se o poder opera nos modos de sujeição, a resistência a ele é possível pelas fissuras, nos **momentos disruptivos**, que oferecem a possibilidade de um estado de suspensão, de uma **liberdade que se cumpre no exercício da criatividade, da sensibilidade, da beleza, nas artes da existência**, no cuidado de si.

exercício

narre o dia da
sua morte.

Pelas **estéticas da existência, artes do viver e técnicas de si**, podem ser experimentadas **práticas de liberdade**, não de sujeição às práticas disciplinares.

A **escrita de si** é apresentada por Foucault como uma dessas tecnologias, desde os gregos

“o cuidado de si não se trata apenas da construção de uma subjetividade centrada na adesão livre a um estilo que quer dar à sua própria existência, mas, sobretudo, por voltar-se à construção de sujeitos coletivos libertos dos processos de subjugação e subalternização”. (CARNEIRO, S., 2005, p. 303).

descreva

a limpeza do
seu quarto.

exercício que nos permite
analisar:

* perspectiva/ foco narrativo

* ponto de partida/ lugar de fala

perspectiva foco narrativo

- um quarto narrador autolimpante ou que nunca é limpo?
 - a pessoa que limpa?
 - quem observa a limpeza?
 - ????

“O **ponto de vista**, ou ângulo visual, em que se coloca o escritor constitui elemento de primacial importância na estrutura do conto, novela ou romance.”

Massaud Moisés

“quem testemunha a história? Quem conta a história? Em que perspectiva se situa?”

Massaud Moisés

Quatro focos narrativos:

<análise interna dos acontecimentos>

1. A **personagem principal** narra sua história;

2. Uma personagem secundária narra a história da personagem central;

<observação externa>

1. O narrador, analítico ou onisciente narra a história;

2. O narrador conta a história como observador.

Massaud Moisés

perspectiva/ ponto de partida

contexto. enunciação.

“standpoint” de
Patricia Hill Collins

“ A perspectiva do *standpoint* ou do ponto de vista, expressa que a realidade é construída com base na sua própria experiência, na experiência da opressão para resistir(...)”

Barbosa sobre Patricia Hill Collins

lugar de fala

Djamila Ribeiro

“ Assim, entendemos que **todas as pessoas possuem lugar de fala,** pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade (....)”

Djamila Ribeiro

“(....) O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social, consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.”

Djamila Ribeiro

“Por que eu escrevo?

Porque eu preciso.

Porque minha voz,

em todos os seus dialetos,

foi silenciada por tempo demais.”

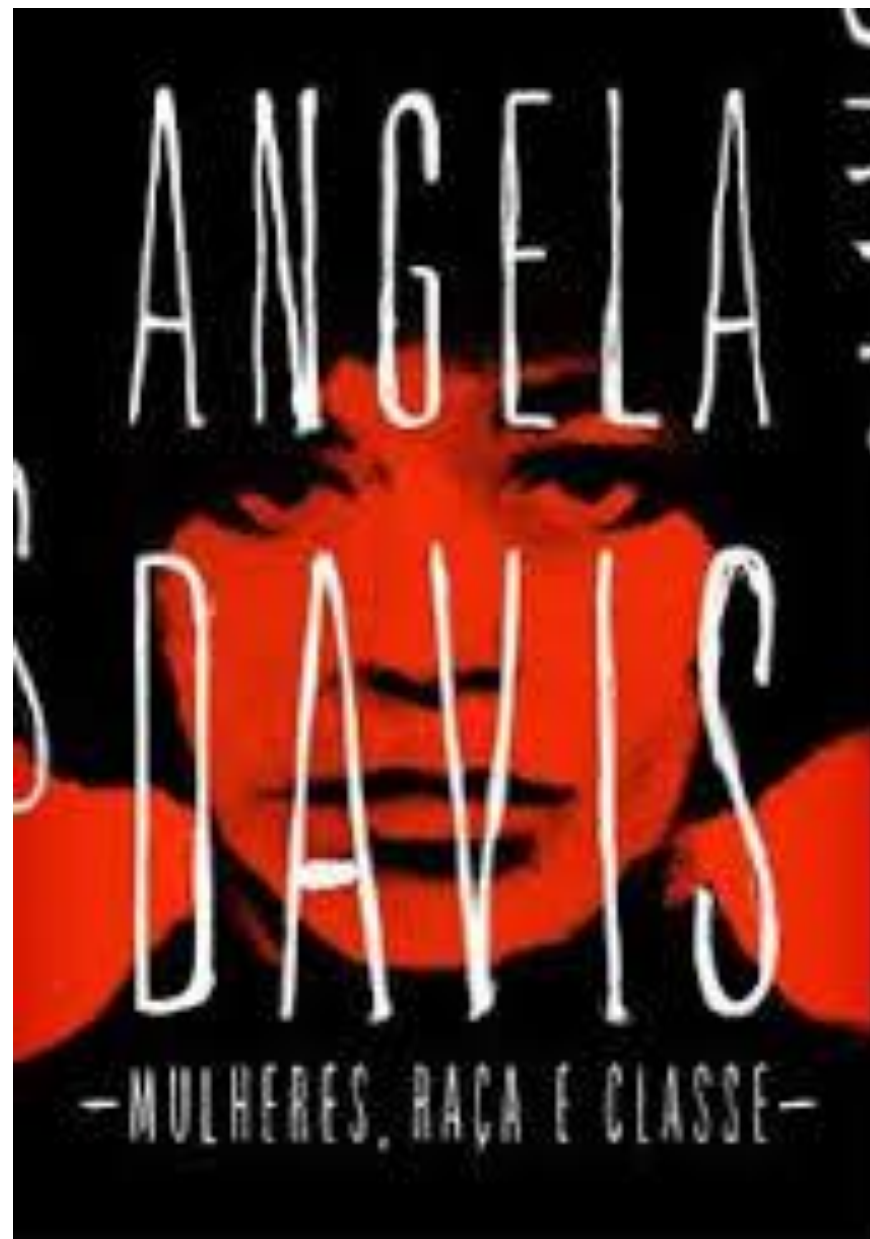
Jacob Sam-La Rose

“Este é um dos meus poemas preferidos. Eu o li centenas de vezes, de novo e de novo. E cada vez que o leio, parece que toda a minha história está contida nele. As cinco pequenas linhas nos lembram, de forma bastante engenhosa, uma longa **história de silêncio imposto**. Uma história de vozes torturadas, linguagens disruptivas, idiomas impostos, discursos interrompidos e os muitos lugares onde nunca pudemos estar para falar com nossas próprias vozes. Tudo isso parece escrito nele. Ao mesmo tempo, não é somente um poema sobre as contínuas perdas causadas pelo colonialismo. É também um poema sobre **resistência, sobre a fome coletiva** por nossas vozes, escrita e a recuperação de nossa história escondida(...)” Grade Kilomba

“(…) A ideia de que é necessário escrever, quase como uma obrigação moral, encarna a crença de que a história pode 'ser interrompida, apropriada e transformada por meio de práticas artísticas e literárias' (hooks, 1990: 152). Escrever este livro tem sido uma forma de transformação, porque aqui, **eu não sou a 'Outra', mas eu mesma, não o objeto, mas o sujeito, sou eu quem descreve a minha própria história, não sou descrita.** A escrita emerge, portanto, como um ato político.”

Grada Kilomba

a limpeza do quarto diz
muito sobre o papel social
(ou os papéis sociais) que
você ocupa!



exercício:

descreva um(a)
ancestral.

trabalho de
memória

“Quem pretende se aproximar do passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação.”

Walter Benjamin

“O instrumento
decisivamente socializador
da memória é a
linguagem.”

Eclea Bosi

mesmo quando a
lembrança é de dor.

“Os sobreviventes, aqueles que ficaram e não se afogaram definitivamente, não conseguiram esquecer-se nem que o desejassem. É próprio da experiência traumática essa impossibilidade de esquecimento, essa insistência na repetição.

Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a **viver** e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade.”

Jeanne Marie Gagnebin sobre o holocausto (Shoah)

“Um trabalho de **elaboração e de luto** em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de **esclarecimento** — do passado e, também, do presente. Um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos.”

Jeanne Marie Gagnebin

“A palavra-chave dessa necessidade não é memória ou lembrança, mas *Aufklärung*: esclarecimento (o que fala com clareza à consciência racional, o que ajuda na compreensão clara e racional (...)) Não há, por parte de Adorno uma sacralização da memória, mas uma insistência no esclarecimento racional.”

Jeanne Marie Gagnebin

Vocês podem escrever
sobre um evento de
trauma ou dor?

“A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar.”

Ulpiano Menezes

“(...) qual a forma predominante da memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua **autobiografia**. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória.”

Eclea Bosi

referências:

*FEDERICI, Silvia. **O feminismo e as políticas do comum em uma era de acumulação primitiva**. In: MORENO, Renata. Feminismo, economia e política. São PAulo: SOF, 2014.

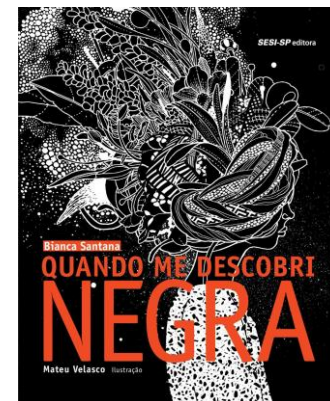
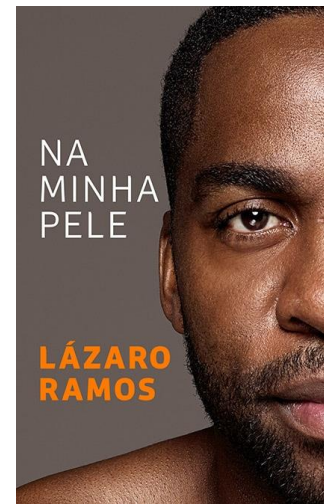
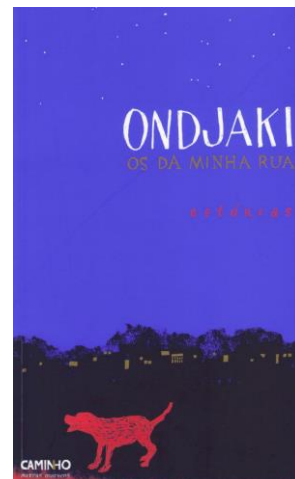
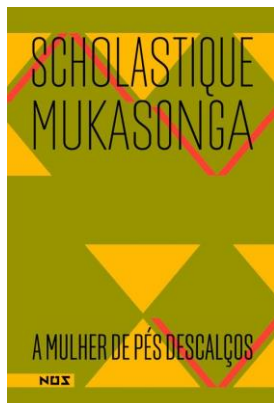
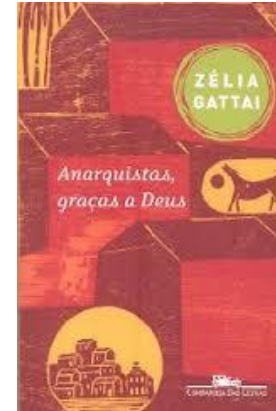
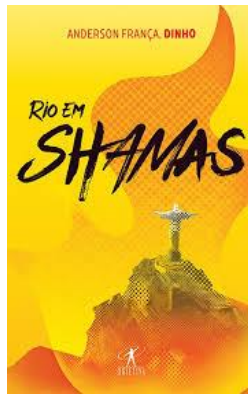
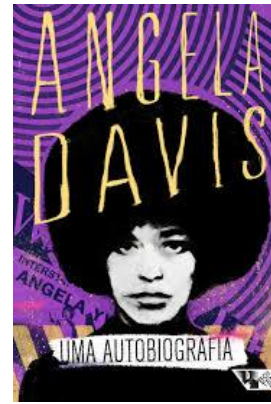
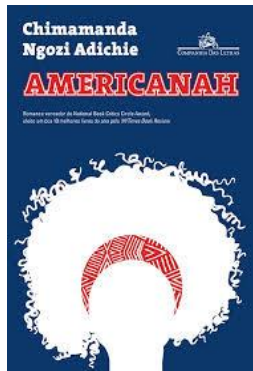
*MOISÉS, MASSAUD. **A criação literária: poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.

*PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2017.

*SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2009.

*SUCUPIRA, Fernanda. FREITAS, Taís Viúdes. **As desigualdades de gênero nos usos do tempo**. In: MORENO, Renata. Feminismo, economia e política. São PAulo: SOF, 2014.

recomendações:



referências

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81

BARBOSA, Lícia Maria de Lima. Feminismo negro: notas sobre o debate norte-americano e brasileiro. In: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única: Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese de Doutorado. FE-USP, 2005.

COMBE, Dominique. A referência desdobrada: O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. REVISTA USP, São Paulo, n.84, p. 112-128, dezembro/fevereiro 2009-2010

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Belo Horizonte: Nandyala, 2011

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Belo Horizonte: Nandyala, 2011

GAGNEBIN, J.M. O que significa elaborar o passado? In: Lembrar, esquecer, escrever. São Paulo: editora 34, 2006, p. 97-105.

HILL COLLINS, Patricia. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. Feminismos negros, una antología, p. 99-134, 2012.

KILOMBA, Grada. Plantation memories: episodes of everyday racism. Münster: Unrast, 2008.

MENESES, U. B. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. Revista Instituto Estudos Brasileiros. São Paulo, v. 34, p. 9-24, 1992.

MOISÉS, Massaud. A criação literária: poesia e prosa. São Paulo: Cultrix, 2012.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o real. In: História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

VILLAR, Marília Santanna. A autobiografia como discurso de poder, 1971

obrigada

